



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO: PEDAGOGIA**

**MARIA LUCIENE DOS SANTOS**

**O PAPEL DO ORIENTADOR SOCIAL NO PROJOVEM ADOLESCENTE: RELATO DE  
EXPERIÊNCIA**

**CAMPINA GRANDE/PB**

**2014**

**MARIA LUCIENE DOS SANTOS**

**O PAPEL DO ORIENTADOR SOCIAL NO PROJOVEM ADOLESCENTE: RELATO DE  
EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Graduação em Pedagogia em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Elizabete Carlos do Vale

**CAMPINA GRANDE/PB**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237p Santos, Maria Luciene dos  
O papel do orientador social no Projovem Adolescente  
[manuscrito] : relato de experiência / Maria Luciene dos Santos. -  
2014.  
23 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Elizabete Carlos do Vale,  
Departamento de Pedagogia".

1. Educação 2. Orientador Social 3. Projovem Adolescente  
4. Jovens 5. Exclusão Social I. Título.


21. ed. CDD 370

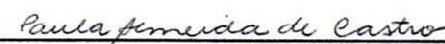
**MARIA LUCIENE DOS SANTOS**


**O PAPEL DO ORIENTADOR SOCIAL NO PROJovem ADOLESCENTE: RELATO  
DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Coordenação do Curso de Graduação em Pedagogia em  
cumprimento à exigência para obtenção do grau de  
Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual  
da Paraíba.

Aprovado em: 09/12/2014

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Elizabeth Carlos do Vale - UEPB  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Paula Almeida de Castro - UEPB  
Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva - UEPB  
Examinadora

**CAMPINA GRANDE/PB  
2014**



## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida. Aos meus pais, meus irmãos e namorado, que fizeram do meu sonho real, me proporcionando forças para superar os obstáculos. A minha orientadora, por todo apoio e orientação e a mim, por todo meu esforço.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a minha entrada e permanência neste curso.

A minha orientadora, Elizabete Carlos do Vale, pela oportunidade e apoio na elaboração deste trabalho. Pelo suporte no pouco tempo que lhe coube e pelas suas correções e incentivos. Obrigada também pelo conhecimento adquirido em suas aulas.

Agradeço a todos os professores por me proporcionarem o conhecimento e a afetividade da educação no processo de formação profissional. Serei eternamente grata a todos que me motivaram e mostraram o que é ser um verdadeiro profissional. Com vocês a esperança de uma educação de qualidade sempre permaneceu acesa, e a levarei dentro mim para onde quer que eu vá.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Agradeço a minha mãe Edilene Martins dos Santos, heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. Ao meu pai José Antônio dos Santos, que apesar de todas as dificuldades, sempre permitiu que eu e os meus irmãos estudássemos e por me auxiliar nas horas que mais precisei.

Obrigada aos meus irmãos, por todo apoio e ajuda. A minha irmã Joelma Jaciane dos Santos, que me ajudou nas horas mais difíceis e compreendeu minhas ausências quando precisei estudar. Ao meu irmão Edinilson José dos Santos, pelo esforço em garantir a minha ida à universidade, seu apoio foi fundamental.

Ao meu namorado, melhor amigo e companheiro de todas as horas, Breno Hugo do Nascimento Santos por toda força e incentivo desde o vestibular até hoje e pelo carinho, compreensão e amor. Agradeço Também ao seu pai Luís Roberto que me estendeu a mão, na hora que mais precisei.

Família, obrigada, por terem me apoiado, me incentivado e me ajudado de todas as maneiras possíveis para a realização desse sonho, amo todos vocês.

Meus agradecimentos aos amigos, em especial Gracerlange Monteiro, Robson Carlos e Rayfe Santos. Aos companheiros de trabalho que torceram por mim. Aos colegas e amigos da turma de Pedagogia de Campina Grande-PB e a de Guarabira-PB. A turma da Van que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

A Prefeitura Municipal de Gurinhém-PB, pela oportunidade de trabalho e apoio a minha formação. A Secretaria de Transporte, por todo auxílio, em especial ao Secretário Tadeu, que

sempre se disponibilizou a resolver os problemas de transporte, facilitando o meu acesso e a dos meus colegas á universidade e aos motoristas por toda dedicação.

E não poderia deixar de agradecer aos jovens do Projovem Adolescente de Gurinhém-PB, pois foi através da experiência que vivi com eles que pude realizar este trabalho, o meu muito obrigada á todos vocês. E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta minha grande realização profissional.

Meus sinceros agradecimentos á todos!

## **O PAPEL DO ORIENTADOR SOCIAL NO PROJovem ADOLESCENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**SANTOS, Maria Luciene<sup>1</sup>.**

### **RESUMO**

Este trabalho constitui-se em um relato de experiência como Orientadora Social no Projovem Adolescente da cidade de Gurinhém/PB. Tem como objetivo refletir sobre o papel do Orientador Social do Projovem no trabalho desenvolvido junto a jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social. Apresentamos o Programa Nacional de Inclusão de Jovens, o trabalho que é realizado no âmbito deste, bem como a realidade de exclusão e desigualdade social na qual eles estão inseridos apontando como o programa trabalha visando garantir uma proteção social contra riscos e vulnerabilidade juvenil. Apontamos como o trabalho do Orientador Social pode ser uma referência no processo de formação de identidade pessoal, profissional e cidadã desses jovens. Pelo contexto sócio-educacional do Programa é que se dá a relevância de apresentar os resultados do trabalho desenvolvido pelo Orientador Social com vistas a contribuir para o debate em torno da problemática atual que é a dos jovens em situação de vulnerabilidade social. Para a construção do mesmo, contamos com as seguintes referências: Dayrell (2007), Abramovay e Pinheiro (2003), Pinto e Caetano (2010) entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventude. Vulnerabilidade Social. Orientador Social

### **1. INTRODUÇÃO**

O Projovem Adolescente – Serviço socioeducativo – PJA, integra o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJovem como modalidade exclusivamente destinada à faixa da juventude compreendida entre os 15 e 17 anos, pertencentes à famílias em condição de extrema pobreza, beneficiadas pelo Programa Bolsa Família (PBF), egressos de medidas socioeducativas ou protetivas ou vinculados aos programas de combate ao abuso e à exploração sexual. Foi criado em 2005, como ação integrante da Política Nacional de Juventude, coordenado e gerido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome – MDS, e se caracteriza como um serviço do Sistema Único de Assistência Social – SUAS. Tem como objetivos básicos: Complementar a Proteção Social Básica à família, criando mecanismos para garantir a convivência familiar e comunitária e; Criar condições para a inserção, reinserção e permanência do jovem no sistema educacional (BRASIL, 2013).

---

<sup>1</sup> Concluinte do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: (luciene.santos86@gmail.com).

Uma das finalidades do Projovem Adolescente é oferecer um espaço de convivência social através do qual os Orientadores Sociais buscam trabalhar o desenvolvimento das potencialidades dos jovens para uma atuação crítica e proativa no seu meio social e no mundo do trabalho (BRASIL, 2009). Para isso, busca-se desenvolver ações que contribuam para mudança de comportamentos tidos como agressivos e/ou que prejudiquem os jovens no seu desenvolvimento saudável, a partir do estabelecimento de uma convivência harmoniosa entre os jovens. A Convivência Social é um dos eixos estruturantes do programa, que visa à valorização da pluralidade e da singularidade da condição juvenil, das formas particulares de socialização dos jovens e da criação de vínculos e interação com os seus pares, a família, a escola, o mundo do trabalho e a comunidade (BRASIL/CADERNO DO ORIENTADOR SOCIAL, 2009, p. 18).

Os jovens assistidos pelo programa têm uma característica em comum que é a sua condição social de classe – são jovens oriundos de famílias pobres e/ou extremamente pobres que vivem em situação de vulnerabilidade social, ao mesmo tempo em que têm um perfil diversificado e singular no que se refere à condição de gênero; “opção sexual”; nível de escolaridade e situação escolar; jovens em conflito com a lei ou não; jovens de comportamento agressivo, etc. Tais diferenças são muitas vezes geradoras de conflitos.

É papel do Orientador Social, trabalhar no sentido de orientar os jovens a aprenderem a conviver de forma harmoniosa e respeitar as diferenças existentes entre eles próprios. Desse modo, valorizar a pluralidade cultural como característica essencial da juventude, além de ser uma das competências exigidas pelo programa é também muito importante na vida do ser humano, pois, para que haja sociabilidade é preciso que a singularidade de cada um seja respeitada, ao mesmo tempo em que cada um, se permita aprender novos hábitos e novas formas de pensar e de agir dentro de um grupo.

Na cidade de Gurinhém/PB, as atividades deste programa tiveram início em Setembro de 2009 e atende a um público de cerca de 100 a 150 jovens, que em geral, vivem em famílias com renda de até 1 salário mínimo, sendo que muitos provêm de famílias de pais e mães desempregados; alguns já passaram por experiência de viver na rua ou está envolvido em atos de delinquência. Em termos organizativos, o Projovem é organizado em um núcleo existente na cidade que é formado por duas turmas, uma funciona no turno da manhã e outra à tarde, as mesmas são divididas em coletivos de 15 a 40 alunos, pelos arcos profissionais (esporte, aulas socioeducativas, dança, música, canto e oficinas artesanais) oferecidos pelo programa.

Nossa experiência como Orientadora Social no Projovem Adolescente na cidade de Gurinhém/PB teve início em Fevereiro de 2010. Tal experiência tem sido extremamente desafiante, posto que, no nosso processo de formação inicial no curso de pedagogia pouco se discute sobre

como trabalhar com jovens em situação de vulnerabilidade social, bem como pouco se discute sobre a importância e papel do educador social, quais saberes são exigidos desse profissional, etc. Desse modo, é a experiência vivenciada no programa que tem nos proporcionado um aprendizado sobre a prática docente do educador/orientador social. Partindo dessa perspectiva, focalizamos no presente artigo uma reflexão sobre o papel do Orientador Social do Projovem Adolescente a partir da nossa experiência como Orientadora Social no referido programa da cidade de Gurinhém/PB.

O trabalho está dividido em três tópicos. No primeiro, buscamos apresentar uma breve reflexão sobre a condição dos jovens em situação de vulnerabilidade social, buscando dialogar com autores que discutem sobre a temática, como Dayrell (2007), Abramovay e Pinheiro (2003), entre outros. No segundo tópico discutimos um pouco sobre o Projovem: finalidades, objetivos e ações desenvolvidas, bem como sobre o papel do Orientador Social no desenvolvimento do programa. No terceiro tópico apresentamos as reflexões da nossa experiência como Orientadora Social no Projovem Adolescente da cidade de Gurinhém/PB. Bem como os relatos da nossa experiência, as memórias, as práticas e desafios vividos.

## **2. JUVENTUDE E VULNERABILIDADE SOCIAL**

Discutir sobre o papel do Orientador Social como um dos profissionais responsáveis pelas práticas educativas desenvolvidas pelo Projovem como um programa voltado para o atendimento a uma parcela da juventude que vive em situação de vulnerabilidade social remete-nos a uma reflexão, mesmo que de forma breve, sobre o lugar social que esses jovens atendidos por este programa ocupam. No Brasil, conforme destaca Dayrell (2007, p. 1.114):

O princípio da incerteza domina o cotidiano dos jovens que se deparam com verdadeiras encruzilhadas de vida nas quais as transições tendem a ser ziguezagueantes, sem rumo fixo ou predeterminado. Se essa é uma realidade comum à juventude, no caso dos jovens pobres os desafios são ainda maiores, uma vez que contam com menos recursos e margens de escolhas, imersos que estão em constrangimentos estruturais.

Desse modo, o lugar social que os jovens ocupam vai determinar, em parte, os limites e as possibilidades com os quais constroem sua condição juvenil. A vivência da juventude nas camadas populares é dura e difícil, isso faz com que esses jovens enfrentem desafios infinitamente maiores do que os que os jovens oriundos de condições sociais mais abastadas vivenciam. Ainda de acordo Dayrell (idem):

Ao lado da sua condição como jovens, alia-se a da pobreza, numa dupla condição que interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que

assumem a vivência juvenil. Um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto de futuro (p. 1.109).

Para Abramovay e Pinheiro (2003), o não acesso a educação, trabalho, saúde, lazer e cultura, diminui as chances de aquisição e aperfeiçoamento desses recursos que são fundamentais para que os jovens aproveitem as oportunidades oferecidas pelo Estado, mercado e sociedade para ascender socialmente. Essa escassa disponibilidade de recursos materiais ou simbólicos a indivíduos ou grupos excluídos da sociedade é outro lado perverso da vulnerabilidade social que os mesmos vivenciam.

De acordo com Pinto e Caetano (2010) os temas de vulnerabilidade social e juventude têm sido bastante debatidos no âmbito acadêmico, em várias áreas de pesquisa. Por esse motivo, há uma variada gama de conceituações sobre vulnerabilidade. Os autores se reportam a pesquisadores como Cunha et. al. (2006), Hogan et. al. (2001) e Cutter (1996), que em estudos sobre a temática, listam dezoito conceitos diferentes para vulnerabilidade.

Os autores atestam, porém, a existência de um consenso entre esses conceitos, que diz respeito ao caráter multifacetado com que a vulnerabilidade se apresenta e sob diversas dimensões de desigualdade social entre os indivíduos. Esta característica multifacetada, que marca os diversos conceitos de vulnerabilidade social, instiga estudos que se apresentam como tentativas de trabalhar com as variadas formas de conceber a juventude em função de sua maior ou menor vulnerabilidade. Acredita-se que definições estritamente construídas em função de renda e/ou pobreza deixam lacunas quanto às especificidades com as quais os jovens experimentam as diversas situações vulneráveis (PINTO. CAETANO, 2010, p. 2).

Ainda discutindo sobre a condição juvenil e a emergência da juventude como sujeito social nos reportamos Souza e Gonçalves (s/d ) que destacam que estudos de Reguillo (2000 *apud* CARRANO, 2007 p. 58-59) apontam para o entendimento sobre essa problemática a partir de três elementos:

1. As inovações tecnológicas e suas repercussões na organização produtiva e simbólica da sociedade – aumentam as expectativas e a qualidade de vida – as pessoas passam mais tempo na escola;
2. A oferta de consumo cultural a partir da emergência de uma nova e poderosa indústria cultural;
3. O discurso jurídico que estabelece o contrato social que prevê formas de proteção e punição aos infratores – as políticas públicas tutelares orientadas para o controle do tempo livre juvenil – a ausência de políticas que apostem na autonomia, na organização e naquilo que os jovens podem fazer sozinhos e com a colaboração dos adultos. Políticas do controle e da percepção do jovem como um carente, um vulnerável ou perigo iminente (In: SOUZA. GONÇALVES, s/d, p. 4).

Entendemos que os espaços sociais dizem muito sobre o jovem, como ele se relaciona com a família, a escola, a igreja, os amigos e a comunidade em geral, pois como defende Dayrell (2007),

mesmo com todos os limites dados pelo lugar social que parte da juventude ocupa, não podemos esquecer o aparente óbvio: eles são jovens, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida. Na trajetória de vida desses jovens, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade.

É a partir dessa percepção do jovem como carente e/ou em situação de vulnerabilidade social que são desenvolvidas ações socioeducativas no Projovem Adolescente. De acordo com documentos que orientam a estrutura, finalidades e objetivos do referido programa, o trabalho socioeducativo busca tecer junto aos jovens formas de resistências, de lidar com os riscos e obstáculos de modo criativo, visando o desenvolvimento integral dos jovens procurando valorizar os espaços sociais que fazem parte do cotidiano dos mesmos como espaços de participação que dialogam sobre os acontecimentos e os relacionamentos que integram o seu modo de vida. (BRASIL. CADERNOS PROJOVEM, 2009, p. 31).

### **3. O PROJOVEM ADOLESCENTE E O PAPEL DO ORIENTADOR SOCIAL**

Conforme já afirmado anteriormente, os jovens participantes do Projovem Adolescentes de Gurinhém/PB, que em geral, vivem em famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família, muitos provêm de famílias de pais e mães desempregados; alguns já passaram por experiência de viver na rua ou estar envolvidos em atos de delinquência. Jovens em situação de risco; alguns analfabetos, e/ou atrasados na escola; vinculados ou egressos de programas e serviços de Proteção Social Especial ou sob medidas de proteção ou socioeducativas do Estatuto da Criança e do Adolescente, exceto em cumprimento de medida de internação. Jovens carentes de alimentos, família, carinho, amor, cuidados, afetos, proteção, vulneráveis as drogas, prostituição, gravidez precoce, violência e doenças sexualmente transmissíveis.

Na nossa experiência como Orientadora Social do Projovem Adolescente em Gurinhém, temos verificado que os jovens atendidos por este programa, no geral são jovens que dada à situação de vulnerabilidade social em que vivem, tem comportamento difícil, baixo autoestima, dificuldades de se relacionar uns com os outros de maneira respeitosa. A autoestima desses jovens é muito baixa, muitos não consideram a escola importante, no geral, vivem entre o limite do desejo do consumo e a não possibilidade de concretização do mesmo. O desejo impulsionado pelo consumo faz com que muitas vezes, o mundo do crime se torne um caminho mais fácil e mais atrativo. Algumas famílias desses jovens vivem em situação de conflito fazendo com que, muitos



deles preferam passar o dia nas ruas ou nos espaços sociais que oferecem programas educativos, como o Projovem, do que em suas próprias casas.

Outro fator que temos percebido na vida desses jovens é o grande distanciamento e/ou pouco diálogo entre pais e filhos, por isso os mesmos não tem orientação e não tem quem cuide e os eduquem para a vida. Na convivência com esses jovens atendidos pelo ProJovem foi possível perceber que eles tem comportamentos difíceis, a relação entre eles é geralmente conflituosa, se tratam com palavrões, xingamentos e até empurrões e tapas, o que para o Orientador Social é um grande desafio. A relação entre os que já se conhecem através do convívio na escola é menos conflituosa, já entre os que não têm nenhum contato anterior é bem difícil, muitos resistem conviver e dividir o espaço com o outro. Dentro do programa, há jovens que excluem outros jovens, seja por viver em uma condição de vida melhor ou por questões de opção sexual.

As ações socioeducativas desenvolvidas no Projovem buscam conjugar ações voltadas ao autoconhecimento dos jovens e ao reconhecimento do contexto em que estão inseridos, possibilitando experimentações quanto ao ser, conviver, aprender, fazer e participar, estimulando-os a que assumam papéis proativos na construção de sua própria história coletiva. (CADERNOS PROJOMEM, 2009, p.31). Desse modo, mesmo com todas as dificuldades e desafios enfrentados, desenvolvemos ações que visam favorecer um bom convívio entre eles, através da formação de grupos de dança, teatro, música e grupos para trabalhos socioeducativos. Estas ações educativas contribuem para que nós Orientadores Sociais passemos a entender melhor quem são esses jovens, como se relacionam com suas famílias, que conflitos vivenciam no seu dia-a-dia, quais são seus sonhos, etc. Quando da realização de atividades que visam trabalhar o autoconhecimento pelos próprios jovens, alguns preferem não falar sobre seus próprios pais, por terem uma relação complicada com eles. Essa dificuldade é uma das que mais nos chama atenção, pois, percebemos que muitos pais tratam os filhos como um fardo ou problema, a relação é pautada muitas vezes por falta de diálogo e de respeito.

No geral, são pais que não concluíram a escolarização básica, que trabalham ou batalham por um trabalho digno, mas que a dureza da vida tem afetado de certa forma a dimensão afetiva na relação com seus filhos. Percebemos isso em muitos pais que expressam revoltas e/ou impotência frente a comportamentos problemáticos dos filhos. Por parte dos filhos/jovens é possível perceber o descontentamento pelo fato dos pais não demonstrarem amor, carinho e compreensão aos mesmos. Esses aspectos resultam muitas vezes, na perda da esperança, no rompimento dos laços familiares e conseqüentemente, na perda desses jovens para a droga, para a delinquência juvenil e para a violência.

Na tentativa de contribuir para a redução de tais problemas, as ações educativas desenvolvidas pelo Projovem Adolescente, busca-se desenvolver ações de socialização como: diálogo com os jovens sobre seus problemas, seus medos e sonhos; sobre as suas relações com as famílias. Com os pais, conversas com os mesmos sobre as relações estabelecidas com seus filhos. Tais ações são desenvolvidas através da realização de encontros e reuniões sistemáticas que se constituam em espaços de acompanhamento, informação, diálogo, trocas e reflexões conjuntas e a valorização da autoestima e do respeito dos jovens a partir da organização de mostras pedagógicas e eventos através dos quais possam apresentar aos seus familiares e à comunidade os seus trabalhos e produções.

Outra ação desenvolvida nesse programa é o estreitamento da relação entre a escola e os jovens atendidos pelo Projovem, pois, percebemos que há por parte de muitos dos jovens que frequentam o programa desinteresse pela escola, no geral, veem a escola como chata, ultrapassada e torturante, e isso nos preocupa muito, porque temos tido cada vez mais dificuldades em incentivar os alunos a participarem das atividades no programa, ou seja, eles não veem sentido algum em estudar a não ser que envolva música, esportes e momentos de lazer. Mas, mesmo assim não desistimos, nas aulas socioeducativas apresentamos a escola de acordo com o que os Cadernos do Projovem (BRASIL, 2009) propõem, ou seja, como um espaço onde circulam saberes, aprendizagens e experiências relacionais importantes para a socialização dos jovens, além de constituir-se em espaço da aprendizagem formal, que propicia acesso aos conhecimentos historicamente acumulados e à construção de perspectivas emancipatórias.

Incentivamos a frequência escolar, mas a influência da família é muito importante nestes casos. Temos jovens bem “adiantados” nos estudos como também os mais “atrasados”, os desistentes, analfabetos e os que estão na Educação de Jovens e Adultos – EJA. Os mais “adiantados” no processo de escolarização conseguem socializar-se melhor com os colegas do programa, conseguem se apresentar em público, são os que mais participam de grupos de dança e teatro. Assim, é a partir da realização das atividades socioeducativas que buscamos fortalecer os laços entre os jovens e melhorar a autoestima dos mesmos, conforme orientações definidas no Caderno de Orientação metodológica do Projovem:

Os grupos de amigos, as galeras, a turma, os grupos das diferentes práticas esportivas e de formas de lazer e de produção artística, cultural e política, assim como a família, a escola, a igreja, (ou seja, as formas de socialidade e sociabilidade) têm um papel importante na socialização dos jovens. Todos eles permitem o exercício de um movimento necessário para o processo de desenvolvimento de sua autonomia, o movimento de aproximação e distanciamento da família. Ambivalência gerada pelo desejo de experimentar “andar por suas próprias pernas”, ganhar o mundo, criar suas próprias regras, buscar emancipação, pessoal e a necessidade de voltar para casa, ser acolhido e protegido. É importante

reconhecer esse movimento de alternâncias e valorizá-lo, assegurando condições de orientação, construção de valores, fortalecimento de autoestima e combate às desigualdades e estigmatizações, de maneira que não se fragilizem e rompam vínculos (com a família, a escola e a comunidade) e se introduzam ou se reproduzam relações de subordinação e violência. Fortalecer o convívio intergeracional, promovendo referências seguras, acolhedoras, favorecedoras do diálogo e que, ao mesmo tempo possibilitem a construção da autonomia contribui para diminuir as situações de vulnerabilidade juvenil no campo escolar, profissional, público, relacional e cultural (BRASIL. CADERNOS PROJÓVEM, 2009, p. 32).

O fortalecimento das relações entre os jovens é importante, pois, é neste momento que os amigos passam a ser mais importantes que a família, visto que, os jovens vão descobrindo que compartilham dos mesmos interesses, nesse caso um passa a compreender o outro, diferente da família, que sempre estranha o gosto pela música, o estilo de roupa, o jeito de falar, etc. Os jovens sempre procuram se “enturmar” com grupos que eles se identificam, onde ele é aceito, a partir disso as experiências passam a ser trocadas, sejam positivas ou negativas.

Para alguns, uma relação de amigos pode durar a vida toda, para outros a amizade pode não ser uma experiência muito boa. No programa, sempre observamos essas relações estabelecidas entre os jovens para que sejam identificadas e incentivadas as relações que de fato contribuem para o crescimento do grupo, os que podem contribuir para a disseminação de comportamentos prejudiciais ao grupo como um todo, realizamos trabalhos de valores e conscientização para que haja uma mudança no comportamento dos jovens envolvidos.

A principal finalidade do Projóvem é a de oferecer um espaço para o desenvolvimento das potencialidades dos jovens e aquisições para atuação crítica e proativa no seu meio social e no mundo do trabalho. Esse programa visa também, incentivar o retorno e à permanência do jovem na escola; o fortalecimento de seus vínculos familiares e comunitários; a ampliação do acesso às políticas públicas; o fortalecimento de sua autonomia e o estímulo ao seu protagonismo social. Portanto, o Projóvem busca ser um espaço, no qual os jovens se sintam seguros e acolhidos, onde os mesmos sejam protagonistas, cabendo aos Orientadores exercerem um papel de escuta, de orientação e de apoio (BRASIL. CADERNOS PROJÓVEM, 2009).

#### **4. REFLEXÃO SOBRE NOSSA EXPERIÊNCIA COMO ORIENTADORA SOCIAL NO PROJÓVEM ADOLESCENTE DE GURINHÉM/PB: aprendizados e desafios**

Os profissionais do Projóvem são denominados de “equipe de referência”. Segundo as exigências do MDS – Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome, a equipe deve ser composta por: Técnico de referência do CRAS, (Centro de Referência de Assistência Social),

Orientador Social e Facilitadores da formação técnica geral para o mundo do trabalho e de facilitadores de oficinas de convívio por meio do esporte, lazer, arte e cultura.

Para exercer a função de orientador social, o MDS exige que se tenha Ensino Médio completo, e sugere uma formação superior em Ciências Humanas e Sociais. Para o Facilitador de Oficina de Esporte e Lazer, requer o Ensino Médio e uma formação específica na área do Esporte e Lazer, o facilitador das oficinas de Arte e Cultura, requer também ensino médio, sendo a específica em Arte e Cultura. E o Facilitador de oficinas de Formação Técnica Geral, além do ensino médio deve ter experiência de atuação em programas, projetos, e serviços de formação profissional de jovens. Quanto ao Projovem de Gurinhém/PB, temos atendidos essas exigências, os orientadores, cursam no atual momento, pedagogia, serviço social, letras e direito. Quanto aos facilitadores: a facilitadora da oficina de canto tem formação superior em música e a de dança tem curso técnico de dança e o de música é ex-integrante da Banda Marcial da cidade.

O Projovem Adolescente da cidade de Gurinhém/PB funciona atualmente em um espaço com uma boa estrutura, além de quatro salas de aula, três banheiros, sala de coordenação, almoxarifado, cantina, dispensa, tem um pátio grande e uma quadra esportiva. Dispõe de geladeira, freezer, TV, DVD, caixa de som.

Quanto ao perfil dos jovens atendidos pelo Programa, a cada semestre muda um pouco, pois os jovens que completam 18 anos concluem seu ciclo e saem do programa e novos jovens de 15 anos ingressam no Projovem. O perfil dos jovens atendidos pelo Projovem é bastante diversificado, principalmente quanto ao aspecto social e de comportamento. São jovens trabalhadores; estudantes regularmente matriculados na escola; analfabetos; menores infratores; usuários de droga; de comportamento agressivo etc.

Quanto ao desenvolvimento das ações didático-pedagógicas, os encontros/ações didático-pedagógicas acontecem de segunda a quinta, das 8h às 11h e das 14h às 17h, as sextas são reservadas para o planejamento que é realizado com toda a equipe do Projovem no núcleo do CRAS. Neste, definimos os temas e as atividades que mais necessitam ser trabalhadas no mês e também em projetos e planos futuros. A cada encontro é trabalhado um tema transversal que abrange: direitos humanos e socioassistenciais, cultura, esporte e lazer, meio ambiente, saúde e trabalho. As metodologias e atividades são diversas: aula expositiva; aulas de campo, rodas de conversa; dinâmicas; músicas; vídeos; trabalhos em grupos com apresentações orais, cartazes, paródia, dramatizações etc. Para que eles sintam um maior interesse em participar das aulas, precisamos ser bem dinâmicos e falar dos temas relacionando-os com a realidade deles, só assim consideram importantes.

A partir dos aspectos discutidos nesse trabalho, entendemos também que o papel ou função chave do Orientador Social é de extrema importância, pois, de acordo com as falas, depoimentos e atitudes dos alunos do Projovem. Percebemos que o contexto social dos mesmos, muitas vezes proporciona decepções, falsas promessas e desconfianças, fazendo com que os mesmos não confiem em ninguém, se tornem desesperançosos, não acreditem nas suas potencialidades. Esse cenário é tão forte na vida de muitos deles que se torna muito difícil fazê-los compreender, que a vida tem outro lado e que as coisas boas existem, onde todos podem ter uma vida de qualidade, basta querer e aproveitar as boas oportunidades que ela oferece. É neste contexto que nós, Orientadores Sociais procuramos a partir de um diálogo aberto com eles, conscientizá-los sobre a importância dos estudos, de se profissionalizarem para que possam viver de uma forma mais digna.

No nosso entender, um dos maiores desafios do Orientador Social é conquistar a confiança do jovem, algo que não é muito fácil inicialmente. O desenvolvimento de uma maior empatia com os jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social é um processo lento, requer tempo, paciência e conhecimento pedagógico. Exige-se do Orientador Social conhecer minimamente o jovem para compreender o seu jeito e a sua personalidade, saber como lidar, como se comunicar com esse jovem, fazendo com que o mesmo interaja com os outros.

Iniciei o trabalho como Orientadora Social no Projovem Adolescente de Gurinhém/PB em fevereiro de 2010 e permaneço até os dias de hoje, ou seja, são quatro anos de experiência com os jovens. Os primeiros dias no Projovem foram empolgantes e ao mesmo tempo assustadores, pois enfrentar um grupo de 40 a 50 jovens com comportamentos difíceis, era algo extremamente complexo. O maior receio era o de não conseguir conquistá-los e convencê-los que nós orientadores estávamos ali para ajudá-los. Com o passar do tempo, fui compreendo melhor o programa, ganhando a confiança dos jovens e acreditando a cada dia na importância do meu papel como orientadora social na vida deles.

Para o desenvolvimento das ações do Projovem organizamos os jovens em dois grupos de 25 a 40 jovens, chamados de coletivos. No momento em que um coletivo participa de uma oficina o outro participa de aulas socioeducativas e vice-versa. Além das oficinas permanentes, como música, canto, esporte e dança. São ofertadas as chamadas “oficinas extras” como: maquiagem, ética e etiqueta, montagem de celular, unhas decorativas, artesanato, bijuterias, etc. Assim, além das aulas socioeducativas, os jovens optam fazer oficinas com as quais se identifiquem.

Desenvolvíamos as chamadas aulas socioeducativas a partir de dinâmicas, com intuito de favorecer uma melhor relação e interação entre os jovens, dado que muitos deles eram bastante tímidos e outros se fechavam em pequenos grupos formando as chamadas “panelinhas”.

Percebíamos que no início eles não gostavam muito, uns pela timidez excessiva, outros pelo fato de serem de certa forma, “forçados” a sair dos seus grupinhos.

Nos encontros descobrimos muito sobre eles, há jovens que revelam suas opiniões mais íntimas. Já outros são difíceis para se comunicarem, esses são os que mais motivamos e nunca desistimos, porque eles acabam conseguindo compartilhar suas falas. O momento de escuta particular é o maior contato do orientador com jovem, esses são feitos na hora do intervalo, a hora que eles lancham, sempre sentamos ao lado de um que mais nos chamam a atenção seja por ser agressivo demais ou calado demais. Todos os momentos de escuta que temos são importantes para compreendermos melhor o aluno, mas ao mesmo tempo é doloroso, porque conhecemos muitas realidades sofridas e entristecedoras. Diante de uma situação difícil vivenciada por algum jovem, a primeira ação que desenvolvemos é um bate-papo com os mesmos para que possamos ouvi-los primeiramente, e a partir de então passarmos alguma orientação possível. Nesse momento, a motivação tem que sempre está presente e o apoio não pode faltar, assim cria-se um vínculo mais forte com os jovens para que eles possam nos ver como amigo, como alguém que ele pode contar e confiar.

Desse modo, a boa relação que conseguimos estabelecer com os jovens contribui para que os mesmos, aos poucos possam se “abrir” e expor seus problemas e angústias para buscarmos soluções junto com os mesmos. Ao longo da nossa experiência ouvimos de muitos jovens, revelações estarrecedoras sobre os problemas vivenciados por eles quase que cotidianamente, como: abusos sexuais; brigas com a família; início da vida sexual extremamente cedo; discriminação racial e sexual; separação dos pais; envolvimento com drogas; angústias próprias do adolescente quanto a sua sexualidade, como por exemplo: dúvidas, se, é ou não homossexual; desprezo da mãe ou do pai; irmãos envolvidos em prostituição, etc.

Já atendemos no programa, jovens encaminhados pela Promotora da Justiça e pelo Conselho Tutelar, com históricos de vida que iam desde a prática de atos de delinquência, a envolvimento com drogas, jovens que estavam fora da escola, outros que saíram da escola para trabalhar e ajudar na renda familiar, etc. São jovens carentes de tudo, que tem como marca principal, comportamentos difíceis, brigões e violentos.

Para exemplificar um pouco sobre situações de conflito vivenciado por jovens, relataremos a situação de um jovem que definiremos como “JB”, atendido pelo Projovem. “JB” é um rapaz que se diferenciava dos demais pelo seu jeito de se vestir e pelo comportamento extremamente agressivo. Tinha o apelido de “Moído”, algo que ele odiava. Ele usava sempre roupas encardidas, o cabelo estava sempre desgrenhado, era muito briguento e revoltado, reclamava de tudo, não gostava de fazer as atividades, não falava nas rodas de conversa, tinha poucos amigos. O comportamento dele

nos chamava a atenção, principalmente a forma agressiva de como ele reagia quando alguém o apelidava de “Moído”, assim, procuramos investigar sobre o mesmo.

Ao investigar sobre sua vida descobrimos que “JB” tem uma história de vida marcada por conflitos familiares. De acordo com familiares do jovem, quando este tinha por volta dos 11 anos de idade a mãe traiu o pai, tal traição veio à tona de forma escandalosa e partir de então, no entorno onde morava a família de “JB” o episódio passou ser chamado de “moído”. Tempos depois, JB “herdou” o apelido, sendo vítima constante de bullying em todos os espaços sociais que frequentava: na rua, na escola e até no espaço de convivência do Projovem. Isso foi o tornando revoltado, explosivo e agressivo, principalmente com a mãe. Esses problemas aliado a extrema pobreza em que vivia fizeram com que JB fosse aos poucos, trocando a casa pela rua, espaço em que ele aprendeu a beber, fumar, ser agressivo como forma de defesa e a se envolver com homossexuais para ganhar dinheiro.

A história de vida de JB, a exemplo das de muitos jovens participantes do Projovem, demonstram que estes, no geral trazem consigo além das marcas da exclusão, definições estereotipadas disseminadas socialmente do que é ser jovem que vive em situação de vulnerabilidade social. Conforme afirmam Castro e Abramovay (2002), esses aspectos fazem com que exista uma representação social da juventude como irresponsável contribuindo para que muitos jovens se sintam “discriminados simplesmente por ser jovens, (...)”. Os adultos desconfiam deles, não acreditam na sua capacidade, o que muitas vezes rebaixa sua autoestima, faz com que se sintam desrespeitados e maltratados” (CASTRO. ABRAMOVAY, 2002, p. 157).

A partir do conhecimento da história de vida de JB, planejamos ações que envolviam atividades sobre combate ao preconceito e ao bullying, resgate da autoestima, respeito mútuo, etc. Atividades estas que contou com a assessoria da psicóloga do NASF (Núcleo de Apoio a Saúde da Família). No que se refere à questão da vida sexual ativa, algo comum a maioria dos jovens atendidos pelo programa, convidamos profissionais da Secretaria de Saúde para dar palestras em torno do tema “Sexualidade, DST’S, AIDS e Gravidez”, bem como discussão sobre o tema “Namoro, Ficar e Valorização do corpo”. Esses temas despertam grande interesse dos jovens, pois, mesmo tendo uma vida sexual ativa, a maioria não dá importância ou desconhece os tipos de métodos contraceptivos, as formas de proteção e de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis.

Trabalhamos as ações educativas junto aos jovens tendo como referenciais assuntos abordados nos Temas Transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para a educação Básica, como: família, amizade, solidariedade, respeito, liberdade, alimentação saudável, meio ambiente, política, cidadania, democracia, direitos humanos, cultura etc. Vale salientar que

sempre nos preocupamos em trabalhar a partir de uma pedagogia problematizadora como proposta por Paulo Freire, uma pedagogia que instigasse os jovens a participar, debater e discutir sobre as temáticas abordadas, interagindo e questionando o que está posto. Como afirma Gadotti (2005) educar no sentido Freireano é impregnar de sentido todos os atos de nossa vida:

É entender e transformar o mundo e a si mesmo. É compartilhar o mundo: compartilhar mais do que conhecimentos, idéias... compartilhar o coração. Numa sociedade violenta como a nossa, é preciso educar para o entendimento. Educar é também desequilibrar, duvidar, suspeitar, lutar, tomar partido, estar presente no mundo. Educar é posicionar-se, não se omitir (GADOTTI, 2005, p. 37).

Dessa forma, buscávamos ser o mais claro possível, desenvolvendo atividades que tivessem sentido e significado para os jovens, buscando trabalhar com música, textos reflexivos, filmes, etc. O que mais empolgava os jovens era quando trabalhávamos com o hip-hop, a dança e o esporte, desse modo, passamos a organizar grupos de dança focalizando esse gênero musical. A partir da organização dos grupos de dança, estes, depois de ensaios se apresentavam nas escolas, em eventos importantes da cidade e até em outras cidades. No que se refere ao esporte, foram organizados times de futebol que competiam em torneios de jogos escolares e em pequenos torneios pela região, o time do Projovem era muito bom. Os jovens se esforçavam em cumprir as regras, pois para jogar tinham que respeitar os colegas e os demais envolvidos, serem unidos e zelarem pelo uniforme do time e quem não cumprisse ficava de fora do time.

No programa nos esforçamos para tentar cumprir em partes o que o MDS determina, de acordo com a nossa realidade e também para garantir os direitos dos jovens, só que há situações que não correspondem ao nosso trabalho, como:

As instalações físicas e demais recursos materiais disponibilizados ao Projovem Adolescente devem contribuir para a criação de uma ambiência adequada e favorável ao desenvolvimento das ações socioeducativas. Ambientes amplos, limpos, arejados, bem iluminados e bem conservados, com espaços, mobiliário e materiais suficientes e adequados, ajudam a criar esta ambiência, contribuem para a autoestima dos jovens e também para que estes se corresponsabilizem com o cuidado das instalações e o uso responsável dos recursos. Inversamente, a inadequação das instalações físicas e a falta ou inadequação de recursos materiais necessários às atividades podem prejudicar o desenvolvimento das atividades e condicionar atitudes e comportamentos desfavoráveis dos jovens. (BRASIL, 2009, p. 35)

Isto depende exclusivamente do Gestor da cidade, pois, como o governo federal não destina verbas para a infraestrutura/prédios para o funcionamento dos programas, cabe ao gestor municipal a responsabilidade para com o lugar de funcionamento dos mesmos. E como geralmente, alega-se a falta de verbas, o resultado passa a ser totalmente diferente do exigido. Outra exigência é que



funcione dentro das instalações do CRAS, mas até hoje isso não foi possível, até mesmo o acompanhamento das profissionais não se concretizou de fato, pois as mesmas não dispõem de muito tempo para acompanhar o desenvolvimento desses jovens, porque a demanda do município é muito grande e como no CRAS só há duas profissionais, elas não conseguem dá conta de todas as exigências. Por isso só participam quando solicitamos palestras e/ou orientações juntos aos jovens e suas famílias.

Vale salientar que, apesar da melhoria da infraestrutura de funcionamento do Projovem nos últimos dois anos, nosso trabalho tem sido dificultado pela falta de recursos didáticos. Faltam profissionais para a realização de oficinas voltadas para o público masculino, pois, as de dança e canto só atraem as meninas e isso resulta em muitas reclamações. Outro fator é a falta de material esportivo em especial “bolas”, tanto as de futsal quanto as de campo e de vôlei. A realização das festas também foi reduzida, só realizamos a do dia das mães, São João e natal, antes fazíamos também a do Halloween, bloco de carnaval e dia dos namorados. Sem material, é complicado desenvolver alguma oficina, e mais ainda por não ter oficinas que atendam os interesses dos jovens em especial os meninos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do que foi discutido no presente trabalho é possível afirmar que a função e papel desempenhado pelo Orientador Social na efetivação de programas como o Projovem é de extrema importância, pois o mesmo deve ser a referência para os jovens. Ser orientador num programa em que a marca comum dos seus sujeitos, é a sua condição de pobreza, invisibilidade e de vulnerabilidade social, é atuar para além de um mero transmissor de conhecimentos. Assim, considerando o referencial teórico que fundamenta este trabalho, entendemos que o orientador social cumpre o papel importante, pois é um elo mediador na da trajetória de vida dos jovens na direção do desenvolvimento pessoal e social. Cabe ao Orientador social planejar ações que propiciem o confrontar das ideias e pensamentos; a socialização das experiências de vida de cada um; o debate em torno das incertezas, tristezas, sonhos, etc. Como afirma Araújo e Luvizoto (2012, p. 77), “a competência docente engloba planejar, organizar e executar as ações socioeducativas, especialmente os encontros de cada coletivo (grupo), bem como integrar os demais profissionais da equipe ao planejamento geral do serviço socioeducativo, articulando e integrando todas as ações”.

O Orientador Social é a alma, a essência do programa, sem ele os trabalhos não são articulados nem realizados, todos os problemas e conquistas passam por estes. No programa, percebíamos a necessidade de planejar sempre, essa prática se fortaleceu graças aos estudos por nós

vivenciados no curso de Pedagogia, entretanto a nossa maior formação foi a experiência vivida no Projovem. O início da nossa experiência foi muito difícil, pois não tínhamos conhecimento sobre o funcionamento do programa nem sobre o papel e funções do Orientador Social. Além disso, ainda não existia um local próprio para o funcionamento do programa, aconteceu apenas um curso de capacitação para os profissionais que iriam atuar no Projovem, não tinha material didático nem equipamentos para a realização das atividades. O que nos orientou inicialmente foi o estudo que fizemos dos documentos e cadernos de orientação do funcionamento do referido programa, porém eram atividades feitas de forma individualizada. Como não tínhamos experiência, o medo de não conseguir realizar um bom trabalho junto aos jovens era grande, pois não entendíamos exatamente o que era o programa, qual a sua importância e finalidade e como atuar para que os objetivos do mesmo fossem alcançados.

Por fim, entendemos que um dos principais desafios enfrentados pelo Orientador Social é justamente, saber lidar com problemas de tamanha complexidade, ao mesmo tempo em que a margem de contribuição para a solução desses problemas é mínima, fazendo com que muitas vezes nos sintamos impotente frente a tantos problemas e desafios comuns a vida dos jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social.

### ABSTRACT

This work is in an experience report as Social Advisor in Projovem Teenager City Gurinhém / PB. Aims to reflect on the role of Social Projovem Advisor in work with young people who are socially vulnerable. Here is the National Program for Youth Inclusion, the work done under this, and the reality of exclusion and social inequality in which they are inserted pointing out how the program works to ensure social protection against scratches and juvenile vulnerability. We point out the work of the Social Advisor can be a reference in the formation of personal identity, professional and citizen of these young people. The socio-educational context of the program is that it gives relevance to present the results of the work of the Social Advisor in order to contribute to the debate around the current issue, the young people in socially vulnerable. For the construction of the same, we have the following references: Dayrell (2007), Abramovay and Pinheiro (2003), Pinto and Caetano (2010) among others.

KEYWORDS: Youth. Social vulnerability. Social advisor.

### REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam e PINHEIRO, Leonardo Castro. “Violência e Vulnerabilidade Social”. In: FRAERMAN, Alicia (Ed.). **Inclusión Social y Desarrollo: Presente y futuro**

de La Comunidad IberoAmericana. Madri: Comunica. 2003.

ARAÚJO, Joselaine de. LUVIZOTTO, Caroline Kraus. Educação não formal: a importância do educador social na construção de saberes para a vida em coletividade. In: **Colloquium Humanarum**. Presidente Prudente, v. 9, n. 2, p. 73-78, jul/dez/ 2012.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. **Adolescências, juventudes e socioeducativo: concepções e fundamentos**. MDS: Brasília, 2009. Disponível em: [www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaobasica](http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaobasica) . Acesso em: 19 de Agosto de 2014.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Secretaria Nacional de Juventude. **Projovem Urbano - Manual do Educador Orientações Gerais**. Brasília, DF, 2008.

\_\_\_\_\_. **Caderno do Orientador Social: Ciclo I: Curso Socioeducativo** . Brasília: MD, 2009. Disponível em: [www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaobasica](http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaobasica) . Acesso em: 19 de Agosto de 2014.

CASTRO, MARY . ABRAMOVAY, Miriam. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, julho/ 2002.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.24, set/out./nov./dez, 2003.

\_\_\_\_\_. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização Juvenil. In: **Educ. Soc.**, v. 28, n.100, Campinas, SP, out/2007. Disponível em <[www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br)>. Acesso em 25 de Novembro de 2014.

GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não formal**. Sion (Suisse), Out, 2005. Disponível em: [www.paulofreire.org/pub/Institu/](http://www.paulofreire.org/pub/Institu/)

PINTO, Julimar Santos. CAETANO, André Junqueira. Perfis de vulnerabilidade social de jovens nas regiões metropolitanas de Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. In: **Seminário Nacional Governança Urbana e Desenvolvimento Metropolitano**. Natal: UFRN, 2010. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/seminariogovernanca>

SOUZA, Thiana do Eirado S. de. GONÇALVES, M<sup>a</sup> de Cássia P. B. **A constituição do jovem como sujeito social: perspectiva e desafios do reconhecimento da juventude na educação de jovens e adultos**. Disponível em: [www.uesb.br/eventos/semanapedagogia/anais/61CO.pdf](http://www.uesb.br/eventos/semanapedagogia/anais/61CO.pdf)